

Ir à escola com a Adília

Colóquio Internacional

21 E 22 DE MARÇO DE 2023

Biblioteca Nacional de Portugal

AE Gil Vicente

IELT-Nova FCSH

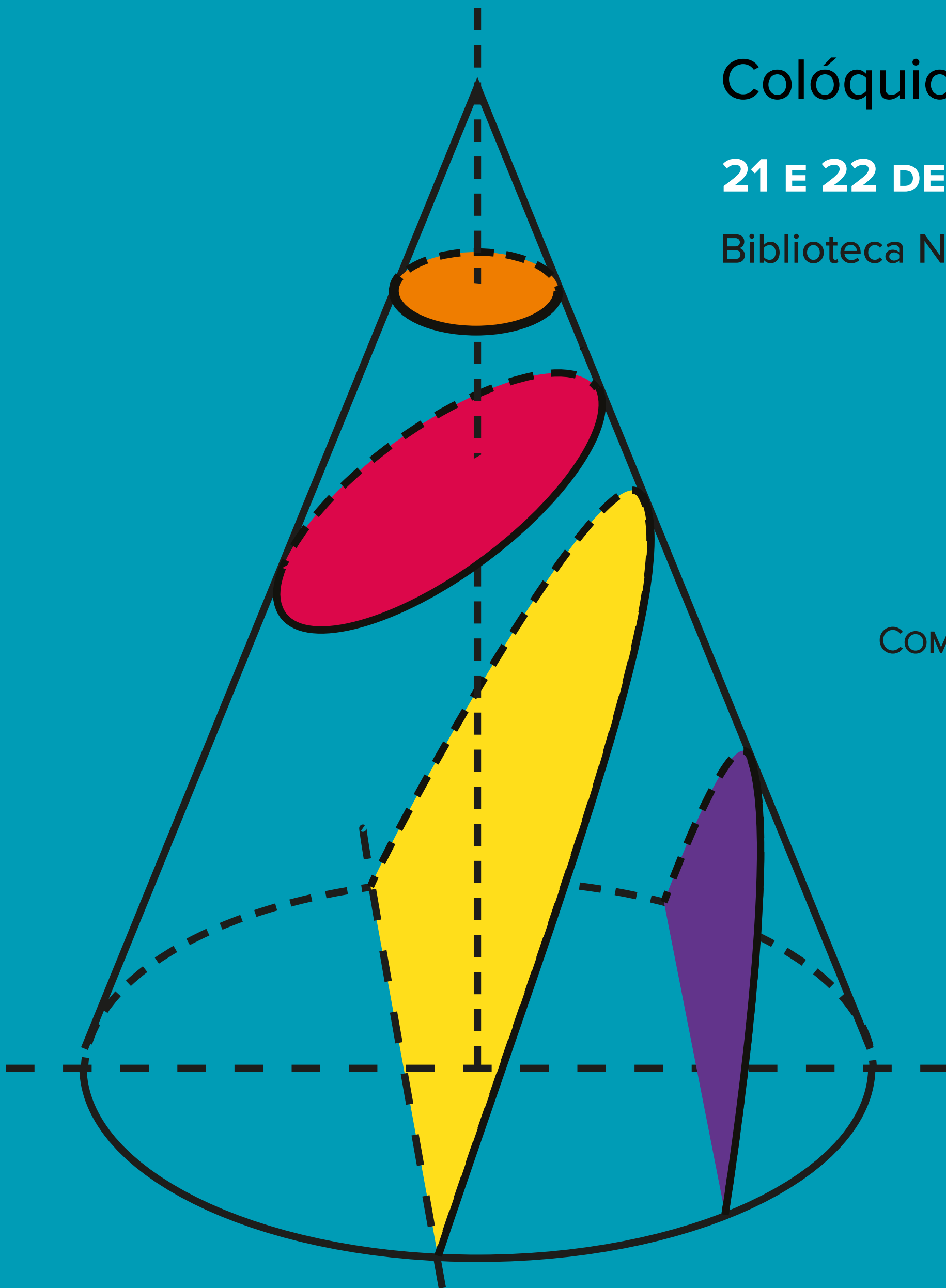
COMISSÃO ORGANIZADORA

Diana Duarte

Joana Meirim

Lúcia Evangelista

Sara Leite



APRESENTAÇÃO

A literatura é assunto da escola, desde os gregos – e Homero foi o manual escolar, por excelência –, observa lapidarmente Curtius na *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. O mesmo autor não só assinala umas das funções primordiais da poesia, a pedagógica (aprender a gramática, i.e., a arte de ler e escrever), mas também a ideia de que a literatura europeia sempre dependeu da escola e de que a educação aí recebida é determinante para a constituição de uma tradição literária.

O presente colóquio pretende promover uma reflexão em torno da afinidade entre literatura e escola, tomando como ponto de partida a poesia de Adília Lopes. Consideramos que a sua obra configura um exemplo maior da relação inseparável entre texto literário e educação, particularmente sensível à função pedagógica da escola (nas suas diversas valências e nas diferentes disciplinas do currículo), mas também à possibilidade de uma educação constante através da literatura. A escola é o lugar de instrução, do ensino e da aprendizagem com professores e colegas, e Adília não parece esquecer-se da etimologia grega da palavra: tempo livre e lazer (diz-nos, aliás, “sem liberdade não se aprende nada”).

Convidamos um conjunto de professores e investigadores a escolher um texto da vasta *Dobra* de Adília, ora tomando-o para exercício de *close reading*, ora apenas como ponto de partida para outras reflexões, inquirindo sobre algumas destas questões ou outras afins: a relação entre literatura e escola; o ensino da literatura; a literatura como escola; as experiências de leitura do texto literário; a problemática do cânone.

Comissão Organizadora: Diana Duarte, Joana Meirim, Lúcia Evangelista e Sara Leite.

COMUNICAÇÕES

Golgoná Anghel (IELT – Universidade Nova de Lisboa)

“[C]álculos babilónicos caseiros” – Aprender a somar com Adília Lopes

As fronteiras do poético estão sempre a sofrer (des)ajustes, porque a poesia, quando surge, vem sempre como um suplemento, um excesso, qualquer coisa a mais. A primeira edição do livro *Irmã Barata, irmã batata* (2000), de Adília Lopes, era apresentada, por exemplo, como prosa (informação retirada a *posteriori* da edição antológica *Dobra*). A indicação fazia, talvez, ecoar um poema de Irene Lisboa: “Ao que vos parecer verso chamai verso/ e ao resto chamai prosa.” (*Outono havias de vir latente e triste*, 1937). Resto ou, simplesmente, “outra coisa”, a escrita de Adília Lopes desafia não só os limites da lógica poética, como também os limites da lógica matemática, em que o cálculo se junta ao acaso para extrair do caos um número imenso de malabarismo e aritmética.

Golgoná Anghel é docente no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da mesma instituição.

A professora Adília ensina-nos a desentropiar

A poesia ou, melhor dito, o poético em Adília Lopes tem uma componente sumamente didáctica. Em termos ontológicos, sempre se caracteriza pela transformação do dado, por uma intervenção nas convenções. E graças ao facto de ter tido um certo impacto no espaço público, o poético adiliano pôde questionar a autoridade dos discursos normativizadores, tornar visível a diferença ontológica entre a realidade em que vivemos e a forma como esta é institucionalizada (por escolas, universidades, meios de comunicação social, etc.).

Se a literatura for, em termos históricos, um novo regime de identificação da arte da escrita (Jacques Rancière), ou seja, se a literatura for um sistema de relações entre práticas, formas de visibilização dessas práticas e dos seus modos de inteligibilidade, diria que o poético em Adília Lopes é isso mesmo, mas de uma forma ainda mais concentrada, mais disruptiva. A partir de exemplos escolhidos, esta comunicação quer mostrar como a prática poética de Adília Lopes desafia os hábitos culturais e discursivos estabelecidos, como inicia um processo didáctico no qual o sujeito receptor acaba por ser confrontado consigo mesmo.

Burghard Baltrusch é professor de Literaturas Lusófonas na Universidade de Vigo, onde dirige a I Cátedra Internacional José Saramago, coordena o grupo de investigação BiFeGa e o Programa de Doutoramento Interuniversitário em Estudos Literários. É colaborador do grupo Intermedialidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da FLUP, e do Interuniversity Centre for Research on Atlantic Landscapes and Cultures (CISPAC) das três universidades galegas. A sua investigação centra-se nas obras de Fernando Pessoa e José Saramago, a poesia actual e a teoria da tradução. É investigador principal do projecto “Poesia actual e política II: conflito social e dialogismos poéticos”, financiado pelo Ministério de Ciência e Inovação da Espanha. As suas publicações estão disponíveis em <https://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch>.

Casa encantada

A infância da poesia entre memória e imaginação

A infância não é apenas conteúdo relevante da poesia de Adília Lopes, mas dispositivo cognitivo e expressivo que dá forma ao estranhamento sofrido em relação ao mundo não como angústia, medo e niilismo, mas como possibilidade de uma empática reconfiguração do quotidiano num imaginário capaz de instaurar-se por meio da palavra como um espaço de liberdade e de autorregeneração. Miniaturização semântica, epitomização da reflexão na fórmula proverbial, prevalência do simbolismo metonímico sobre o metafórico, narrativização conforme ao registo do conto popular, abundante recurso à fórmula da cantiga de roda com rimas e trocadilhos em jeito de nonsense, são alguns dos traços emblemáticos desta operação de resgate poético da infância como lugar do imaginário, do imaginário como lugar da infância da palavra.

Teresa Bartolomei é doutorada no Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa com uma tese sobre figuras da temporalidade na lírica de Emily Dickinson e em S. Paulo, é atualmente investigadora integrada do CITER, “Centro de Investigação em Estudos de Teologia e Religião” (UCP) e professora convidada na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Em 2018 publicou *Radix Matrix* (Lisboa: UCE), um ensaio sobre eclesialidade e cidadania, S. Paulo e a dimensão comunitária da democracia. A questão do mal, na perspetiva pessoal e civilizacional, é discutida à luz dos textos bíblicos em *Dove abita la luce* (Milão: Vita e Pensiero 2019). A encruzilhada entre literatura e teologia é outro foco dos seus interesses. Nesta área de investigação publicou vários artigos em revistas nacionais e internacionais e uma pequena monografia *O poeta no inferno* (Lisboa: UCE 2021). Em 2021 foi comissária com J. R. Figueiredo de um ciclo de comemorações do VII centenário da morte de Dante Alighieri em Portugal, cujos resultados científicos foram publicados num livro de que é coeditora: *In the Footsteps of Dante: Crossroads of European Humanism* (Berlin: De Gruyter 2023).

Nunca fui à escola com a Adília

A leitura atenta do enunciado de um problema é determinante para a sua resolução. Esta formulação terá sido exaustivamente repetida por professores de matemática em todas as escolas, relacionando qualquer disciplina com os exercícios específicos do ensino da literatura. A presente comunicação propõe uma análise de lugares-comuns da vivência escolar que se encontram na poesia da Adília Lopes para reflectir sobre as singularidades da aprendizagem que os textos desta autora também convocam.

Sara Lacerda Campino é doutorada em Estudos Portugueses – Estudos de Literatura (2021), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma tese sobre a *Poesia Experimental portuguesa da segunda metade do século XX*, realizada com o apoio de uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2017-2019). Obteve o grau de Mestre em Estudos Portugueses – Estudos Literários na mesma instituição, com a dissertação *O Experimentalismo na Obra de Alexandre O'Neill* (2012). É também licenciada em Arquitetura pelo Instituto Superior Técnico/ Universidade Técnica de Lisboa (2004).

Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja;
Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra)

A literatura é o lugar do mundo – aprender e ensinar o/a ser, com Adília Lopes & os outros

“Não há sinónimos” (p. 55), escreve Adília Lopes em *Manhã*, publicado em 2015. O poema é “Literatura”. Em “Caladryl”, refere a poeta: “Gosto muito de coisas e de nomes. Para mim os nomes são coisas” (p. 89). É essa a inquietante e transgressiva missão da escola e da literatura: acontecer no/a aluno/a, e demonstrar, mais do explicar, que as coisas são nomes e que os nomes não são as coisas. Tem sorte, a professora, a de ter a literatura sempre à mão: esse tratado de mundo, das coisas ditas e reditas nas suas combinações inexatas e irrepitíveis. Porque “tudo é sempre outra coisa” (diz Mésseder e ...). Na metodologia proposta no referencial para a educação literária no ensino básico, “Materiais de Apoio à Implementação das Metas Curriculares: Português - 1.º Ciclo: Educação Literária” (sem data), de Helena Buescu, Maria Regina Rocha e Violante Magalhães cita-se M. V. Mendes que, a propósito, propõe uma pedagogia do “desassossego”, isto é, ancorada na “sempre instável experiência vivida” (sem página). Porque é só esse o caminho possível da escola: o de ensinar a ler a impossibilidade dos nomes, e, ao mesmo tempo, o de ensinar, do mundo, os seus nomes impossíveis. A literatura é o mapa labiríntico onde o ser se reencontra no seu labiríntico nome.

Nesta reflexão, proponho-me pensar o lugar da literatura na formação integral do ser, mais do que na formação linguística e/ou literária. Recorro à poesia de Adília Lopes e de outros/as, com quem aprendi que situar e situarmo-nos no mundo é dispor o indecifrável pela tentativa e erro dos sinónimos porosos. Partilharei também um pouco da minha experiência docente, neste âmbito, e ao longo da qual tenho observado, com profundidade e labor, esta mesma impossibilidade e ilegibilidade e a que só a literatura pode dar resposta.

Sandra Guerreiro Dias é doutorada em Estudos Literários e História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. É investigadora integrada do Centro de Literatura Portuguesa –

UC, colaborando, ainda, com o Instituto de Comunicação da Nova (FCSH), o Centro de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e o Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa (UFP). É membro da Rede Internacional de Universidades Leitoras (RIUL) e da Electronic Literature Organization (ELO). É Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Educação do IPBeja. Tem vasta experiência docente na área da língua e literatura portuguesas. Também é poeta e tem dinamizado oficinas de escrita criativa no contexto de festivais de arte. Ademais, a sua investigação centra-se nas relações entre literatura e outras artes, sendo palestrante convidada regular em eventos culturais e seminários científicos.

Não copiar Horácio

Esta apresentação propõe uma leitura do poema «Copiado de Horácio» através de várias perguntas e das respostas que elas suscitam. O objectivo é fazer um exercício de interpretação de modo a que se delimitem as zonas de não-dito para que apontam as respostas àquelas perguntas. O exercício, mais válido pela prática do que pelos resultados, incidirá em aspectos como a programação da escrita poética, a expressão *ut pictura poesis* e a resistência à paráfrase.

João Dionísio é professor de literatura portuguesa e de crítica textual na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Holy sheet: aprender a esgrimir com Adília Lopes

Partindo da ideia da literatura como escola, a minha contribuição para *Ir à escola com a Adília* começa por se basear na evidência preambular de que é a literatura o lugar da aprendizagem da escrita propriamente literária. Por meio de um fio condutor — a indagação da esgrima como metáfora de escrita — proponho uma visita guiada à sala de armas de Adília Lopes.

Diana Duarte Ferreira é doutoranda em Estudos Portugueses na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e licenciada em Estudos Portugueses pela mesma instituição. Tem desenvolvido as suas pesquisas em torno da literatura brasileira, teoria da literatura e estudos interartes. É desde 2021 bolsreira de investigação para doutoramento do IELT/FCT.

“A minha poesia é didáctica”: Adília Lopes, a mestre ignorante

A poesia de Adília Lopes tem uma maneira bem peculiar de equacionar as mais diversas fontes culturais e os mais vastos universos e referências do saber. Einstein e os gas estão em pé de igualdade. Tias e vizinhas estão lado a lado de nomes da História e da Literatura. A complexidade das fórmulas da Física e da Química dialogam com filmes e séries de televisão e podem assumir a mesma importância (e a mesma surpresa) que o aprendizado de como se deve cozinhar um esparguete. Em Adília, tudo parece mesmo estar em tudo. Mas isso — e é o que quero defender — trata-se menos da qualidade de uma “poetisa gestora” que sabe fazer “versos eficazes e eficientes” (2016: 74) mas antes se trata de uma poesia que se quer “didáctica” (cf. 2016: 121). O que se pode pensar com esse “didatismo” na poesia de Adília Lopes e como este em muito se aproxima de uma *contra ordem* explicadora e daquilo que Jacques Rancière convoca como saber ignorante é o que pretenderei desenvolver na minha comunicação.

Lúcia Evangelista é licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – Brasil. Fez, na Universidade do Porto, um mestrado voltado à obra de Adília Lopes e atualmente está em fase de conclusão de um doutoramento, na mesma instituição, sobre a obra de Alberto Pimenta. Foi bolsista de doutoramento da FCT. É membro do Grupo Intermedialidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e do Contemporary Poetry and Politics: Social Conflict and Poetic Dialogisms (POEPOLIT II).

Sobre o confrangimento e a resistência de certa poesia a uma certa ideia de poesia

Esta comunicação parte do conhecido epíteto atribuído pela família de Adília à prima Maria Lucinda, “A Confrangida” (referido numa crónica e também num poema de Manhã), para analisar os contrastes entre uma certa ideia de poesia (afetada e artificial), da qual esta poetisa se afasta deliberadamente, e os poemas menos poéticos (no sentido confrangedor) que tem oferecido à nossa atenção. Paralelamente, tecem-se considerações sobre a qualidade “infantil” da obra (e do pensamento) de Adília e sobre a forma como essa “infantilidade” (sem desprimor, naturalmente) pode convidar a que os seus textos sejam lidos e apreciados por crianças – ainda que à margem das recomendações pê-ene-el-escas.

Sara de Almeida Leite é professora de Língua Portuguesa e Literatura para a Infância e Educação Literária no ISEC Lisboa, onde desempenha o cargo de Presidente do Conselho Técnico-Científico e coordena a Pós-Graduação Arte de Contar Estórias. É uma das responsáveis pelo evento anual *Asas para Ler*, dedicado à literatura para a infância, e autora das coleções de ficção infantojuvenil “O Mundo da Inês” e “Os Mega B.A.Y.T.E.S.” (Porto Editora). Desde 2008, tem publicado livros e artigos sobre o bom uso da língua portuguesa e sobre o ensino da literatura. A sua tese de doutoramento, intitulada *A literatura como experiência estética no ensino secundário: Ensaio sobre a Cegueira na Escola*, foi orientada por Abel Barros Baptista.

Os marcianos vão à escola

A partir da leitura de um poema de Adília, “Natura et ars”, onde marcianos estão de visita a uma Terra pós-cataclísmica, esvaziada de humanos, e acabam por conseguir estabelecer uma relação tão falhada quanto satisfatória entre nomes e referentes, pretende-se reflectir sobre a capacidade de a poesia lutar contra o “embruxamento do intelecto pelos meios da nossa linguagem”.

Ana Matoso é professora auxiliar convidada na Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). As suas principais áreas de interesse são a intersecção entre literatura, filosofia e religião. Escreveu recentemente sobre Nadejda Mandelshtam (“O século de Nadejda”, in *Granta 9*, Lisboa: Tinta-da-China, 2022) e sobre Anna Akhmátova (“O manto de palavras de Anna Akhmátova”, in *Redenção*, Universidade Católica Editora, 2022). Está neste momento a escrever um livro sobre Tolstói.

Is there a poem in this class? Autobiografia sumária de uma aula de Português

Na crónica “A 1ª Classe”, Adília Lopes diz-nos que a escrita de um texto ou a chegada a ele fá-la pensar que deseja regressar à escola, em particular ao ano letivo de 1966/67, altura em que aprendeu a ler e a escrever: “Começo sempre um texto, isto é, chego sempre ao texto, esse abismo e esse sofá, a achar que quero ir para a escola, para a 1ª classe.” A minha comunicação pretende dar atenção ao aposto do texto a que Adília chega – “esse abismo e esse sofá”, dando conta da experiência de uma aula de Português sobre um poema do livro *Sete Rios Entre Campos* (1999). A experiência de uma aula sobre um poema ilustra bem a coexistência do confrangimento de estar à beira do abismo – na possível ausência de explicações para versos – e da sensação de conforto do sofá, na leitura em voz alta de um poema comum e nas perguntas que lhe fazemos.

Joana Meirim é professora auxiliar convidada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do IELT. *Uma carta à posteridade. Jorge de Sena e Alexandre O'Neill* ganhou o Prémio Vasco Graça Moura/INCM no domínio do Ensaio em Humanidades (2022). É autora de *O Essencial sobre as Três Marias* (INCM, 2023, no prelo).

Os convites de Adília

Ler Adília Lopes é um convite para a leitura de outros escritores. Em muitos dos seus poemas, há referências a livros que já leu. Ao mencioná-los, pode fazer com que os seus leitores abram também as páginas dos livros que referiu. A leitura da poesia de Adília Lopes pode ser uma escola literária permanente, onde se aprende sobre outros autores a partir da sua experiência. Basta ir aceitando os convites que a poetisa faz nos seus poemas.

Na minha comunicação, pretendo aceitar alguns dos convites de Adília Lopes. Como as referências nos seus poemas estão ligadas às leituras que fez ao longo da sua vida, percorrerei esse caminho através de três livros autobiográficos da poetisa – *Manhã*, *Bandolim* e *Estar em Casa*. A abordagem que proponho será baseada na imagem de uma casa construída a partir de poemas dessa trilogia. Desta forma, é como se a poetisa nos convidasse a entrar na sua casa e, a partir desse lugar, nos revelasse que leu *O balão*, de Selma Lagerlöf (em *Manhã*); *O homem sem qualidades*, de Robert Musil (em *Bandolim*); ou *O concerto dos flamengos*, de Agustina Bessa-Luís (em *Estar em Casa*). Ao lermos os poemas com essas referências, vamos também conhecendo a poetisa e o seu percurso na literatura.

Teresa Serafim é jornalista na secção de Ciência do jornal Público desde 2016. Licenciou-se em Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). Atualmente é aluna do mestrado em Estudos Portugueses da NOVA FCSH.

A propósito de Magda, uma praticante profissional do safismo: amor entre mulheres nas letras romanas

A literatura clássica greco-latina chegou-nos fragmentária, apagada pelo tempo e pelas condicionantes sociais. São vozes masculinas destinadas a um público masculino. Raramente nos é dada a sentir a voz feminina, menos ainda as Magdas praticantes profissionais de safismo. Tomando como pretexto o poema de Adília, percorreremos algumas destas vozes femininas, deixadas no papiro, no pergaminho mas também nas paredes sob a forma de graffiti.

André Simões, doutorado em Estudos Clássicos pela Universidade de Lisboa, é docente e investigador na Faculdade de Letras dessa mesma Universidade desde 1996. A sua investigação tem-se dividido entre a filologia latina medieval, concretamente o culto dos santos na Antiguidade tardia e Idade Média, mas também a literatura produzida em latim durante o período Moderno, com especial foco nos anos da Restauração. Tem vários livros e artigos publicados sobre estes temas, todos de acesso livre no repositório da Universidade de Lisboa.